

## Apresentação

Kester Carrara

**Como citar:** CARRARA, K. Apresentação. In: CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp Marília Publicações, 2001. p. i-viii.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-16-6.pi-viii>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE E PESQUISA: EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS

Kester CARRARA<sup>1</sup>

Afortunadamente, ao transitar pelo campo fronteiro entre o conhecido e o ignorado, a ciência faz mais do que trasladar de um estado a outro as informações sobre os fenômenos da natureza. Ocupa-se, sobretudo, com a tarefa de oferecer explicações, ainda que conjeturais, mas reiteradamente *fundadas, acerca de cada evento que supõe ser seu objeto de estudo*. Com diferentes contornos, contextos, finalidades e métodos, tem sido esse o mote da ciência em toda a sua história. Nesse sentido, o discurso de quem busca, sob qualquer forma, conhecimento seguro, estável, nomotético e replicável, não pode prescindir de uma consciência clara das imbricações entre filosofia e ciência e, sobretudo, da idéia de conhecimento interdisciplinar. Nem a todos e nem a todo tempo tais análises e discussões - embora absolutamente indispensáveis - foram bem-vindas ou trouxeram resultados favoráveis e imediatos ao bem-estar da humanidade. No segundo caso, ainda hoje continuamos lamentando quanto custou, por exemplo, a descoberta da fusão atômica, em função das conseqüências nefastas a Hiroshima e Nagasaki. No primeiro, o hermetismo de algumas discussões foi, por vezes, lembrado negativa ou jocosamente: (que sejam indulgentes os colegas filósofos e historiadores para com qualquer imprecisão da citação subsequente) teria dito Cícero, a respeito do som do gongo (*discus*) que diariamente anunciava a abertura dos banhos públicos na velha Roma, que era “mais doce aos ouvidos que a voz dos filósofos na academia”. Embora temendo que ocasionalmente parte do nosso jargão acadêmico na universidade do ano 2000 possa continuar mantendo os mesmos ruídos, estou seguro de que os filósofos e os cientistas muito iluminaram, em ocasiões com brilhantismo inequívoco, nossa busca intérmina ao esclarecimento.

---

<sup>1</sup> Departamento de Psicologia da Educação – Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – 17525-900 – Campus de Marília – SP. (e-mail: kester@marilia.unesp.br)

Rastrear a história do pensamento contemporâneo conduz, freqüentemente, a localizar suas raízes mais sólidas e profundas nos momentos marcados por amplo debate. O caráter dinâmico da ciência se demarca pela superação, via parcial incorporação, do conhecimento estabelecido pelo conhecimento novo. Ganham sentido, nessa perspectiva, todos os episódios - dos menores aos maiores - onde se procedeu a uma avaliação sistemática, especialmente dentro da universidade, acerca da pluralidade de concepções vigentes. De tais episódios, que são de radical importância para que a comunidade acadêmica contraponha vigorosamente a crítica e a metacrítica aos pontos de vista escolhidos para análise, acabam sempre emergindo alternativas teórico-práticas parcimoniosas, equilibradas e valiosas para o conhecimento contemporâneo. Nas discussões realizadas na academia de hoje, tudo o que se discute, todavia (e felizmente, creio), cada vez menos se origina e, a um só tempo, pouquíssimo concorre para a constituição de grupos fechados, totalitários mesmo no sentido de Goffmann (1974). Entretanto, os grupos existem e são quase naturais, em função da identidade (ou proximidade) de interesses científicos. Como teria mencionado Kuhn (1976, p. 257),

...o conhecimento científico, como a linguagem, é intrinsecamente a propriedade comum de um grupo ou então não é nada. Para entendê-lo, precisamos conhecer as características essenciais dos grupos que o criam e o utilizam.

Por essa via, o conhecimento também se dá pelo contato com os discursos individuais e grupais, veiculados nos encontros, jornadas e simpósios científicos que a universidade privilegia.

Consagrar esse tipo de prática, no âmbito das áreas de que se ocupa, é uma das incumbências mais importantes da universidade pública (malgradadas velas enfunadas em busca da privatização). Articular pensamentos divergentes sem superpô-los gratuitamente, promover discussões pertinentes a partir de convicções diversas e contrapor concepções teóricas cuidando para que não se manifestem idiossincráticas tem constituído tarefa irrecusável à universidade

pública. Especialmente no caso brasileiro, tal se dá apesar das péssimas condições de trabalho e - como diz Chauí (1999) - a despeito da cantilena populista que defende “a universidade pública paga como uma questão de justiça social”.

Embora os equívocos de princípio acerca do conceito de justiça social continuem campeando e seus autores e atores demarquem a universidade pública como alvo predileto, a academia continua encontrando na própria busca ao conhecimento suas forças mais consistentes para resistir e seguir adiante. Também assim transcorreu com os debates que permearam o III Simpósio em Filosofia e Ciência, que se deu na UNESP, em Marília (SP), de 7 a 10 de junho de 1999. Ali, centrados na temática *Educação, Universidade e Pesquisa: paradigmas do conhecimento no final do milênio*, pesquisadores de diversas universidades brasileiras empenharam-se em avaliar conhecimentos já produzidos e propor e analisar novos empreendimentos científicos, à luz das mais modernas tendências sociais, face à passagem para uma nova e marcante época da história. Seguramente, o simpósio ultrapassou barreiras regionais, contando, além das 278 comunicações de pesquisa apresentadas e dos quase 600 inscritos, com um número significativo de seletos conferencistas que mobilizaram as atenções dos participantes.

Por certo, mais que reunir grande número de pesquisadores, o evento parece ter alcançado, a nosso ver, algumas metas relevantes:

- 1 promover a divulgação entre as linhas de pesquisa, assegurando contato e troca de conhecimentos teórico-práticos entre pesquisadores, mediante conferências, debates e comunicação de trabalhos científicos;
- 2 avaliar e prover subsídios para o desenvolvimento e a ampliação das linhas de pesquisa abrangidas pelo temário escolhido;
- 3 incentivar o intercâmbio e a consolidação dos grupos de pesquisa das universidades;
- 4 propiciar a ocasião para a articulação de uma discussão importante, nas perspectivas multi, inter e transdisciplinar, em relação a três campos indissociáveis de análise: a Educação, a Universidade e a Pesquisa;
- 5 assegurar a realização de um balanço, entre número significativo de

pesquisadores, de algumas das mais marcantes experiências e pesquisas nessas áreas, garantindo condições apropriadas para um debate aberto e auspicioso dos seus desdobramentos com vistas à sociedade em intensa transformação neste final de milênio;

- 6 garantir que a pluralidade de concepções teóricas, em franco debate, emergisse como a ótica sob a qual docentes -e especialmente discentes- possam fazer suas escolhas paradigmáticas de conhecimento em que se estibarão eventuais novas perspectivas de organização da sociedade.

Nenhuma dúvida existe sobre que todos esses objetivos coexistem, se superpõem e não podem ser alcançados isoladamente, do que se infere com alguma coerência que a classificação acima nada pretende ter de axiomática, nem almeja garantir que os objetivos sejam mutuamente excludentes. Todavia, parecem representar o que efetivamente se deu no simpósio e, creio, pode ser auscultado pelo leitor atento às tendências apontadas nos textos básicos das conferências, encartados nesta coletânea. Sua leitura é amostra representativa que bem conduz à compreensão do contexto no qual estão inseridos os esforços intelectuais da Unesp e de outras universidades públicas, no que respeita às áreas cobertas pelo simpósio: em particular, aquelas coincidentes com os cursos oferecidos pela Faculdade de Filosofia e Ciências, ou seja, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Filosofia, Fonoaudiologia e Pedagogia. Sem dúvida, os textos e as discussões seguiram para além dessa demarcação formal. A Psicologia, a História, a Antropologia e as questões metodológicas e epistemológicas pontuaram muitos debates e foram contempladas com o envolvimento do público. É o que se pode constatar com clareza a partir da leitura dos textos que compõem este livro. Não há intenção e nem pertinência em anunciá-los como se constituíssem um todo plenamente articulado. Por conta da própria natureza das mesas em que foram apresentados, estão agrupados em blocos específicos. Todos, porém, conduzem o leitor a um posicionamento mais claro das dimensões atuais do conhecimento nos assuntos de que trataram. Em síntese, as mesas *Organização do conhecimento; A interdisciplinaridade nas ciências humanas; O modelo de ensino na comunidade alternativa "Los Horcones"; Comunicação alternativa: contribuição da informática e Os 40*

*anos da F.F.C.: sua contribuição para a construção do conhecimento e da cidadania*, ao examinarem conjuntos distintos de assuntos, trataram de ser - no melhor sentido - cosmopolitas o suficiente para deixarem antever perspectivas suficientemente agudas de quanto, pela sua própria produção, a universidade pública está atenta e se faz imprescindível. Como presidente da Comissão de Pesquisa na época do evento, coube-me organizar os textos aí apresentados. Procurei obedecer no limite do possível, seus delineamentos a partir dos enfoques diferentes de seus respectivos autores, o que constituiu tarefa complexa na qual tentei respeitar ao máximo os originais, compatibilizando-os tanto quanto razoável e possível com os necessários requisitos gráfico-editoriais. Espero que sua disponibilização dê-se de modo a assegurar ao leitor um fluxo agradável de leitura.

Para a consecução desse importante evento, contribuíram sobejamente os apoios assegurados pela CAPES, FUNDEPE, FUNDUNESP, PROPP, FFC, ADUNESP e FAPESP, esta última ajudando decisivamente a, além de cobrir despesas com a realização do simpósio, garantir parte significativa desta publicação (processo 1999/01410-9; processo 2000/04656-8).

O respeito à pluralidade de concepções teóricas que pontuou de forma transparente o simpósio e que se restaura nos textos subsequentes, constitui a marca da universalidade na universidade e do direito à livre expressão do pensamento (preservado até mesmo numa Constituição freqüentemente vilipendiada como a nossa: artigos 5º, IV e 206). Na mesma direção do respeito ao saber plural (que não deve sinonimizar ecletismo frouxo e gratuito), é que o estudo dos diversos paradigmas científicos tem função de elucidar e garantir a interpretação possível de diferentes opções de pesquisa. Entretanto - os autores dos textos deixam isso claro - não há que pensar em paradigmas com sentido ou função normativa que implique optar por qualquer caminho que necessariamente deva ser o único a ser seguido na busca do conhecimento seguro. Desde os anos 30, tentativas outras, sem sucesso, já foram feitas em busca de uma ciência unificada. A busca de linguagens comuns, métodos mais abrangentes, técnicas compartilhadas, deve continuar existindo, como forma de melhorar nossa compreensão mútua dos resultados de pesquisa, mas o entendimento entre

cientistas não deve ser interpretado como aproximação a um sincretismo exacerbado proveniente de uma ciência de consenso. Ao contrário, como se evidenciou nessa reunião de pesquisadores e é possível depreender dos textos inseridos nesta coletânea, numerosas questões novas e candentes, bem como promissores caminhos alternativos existem à nossa escolha.

### **Referências Bibliográficas**

CHAUÍ, M. Universidade em liquidação. *Folha de São Paulo - São Paulo*, 11 jul. 1999, p. 5. Caderno Mais, n. 3.

GOFFMANN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1976.